

Risco e práticas corporais na natureza: uma revisão sistemática

Risk and bodily practices in nature: a systematic review

SILVA PPC, AZEVEDO AMP, SILVA EAPC, FREITAS CMSM. Risco e práticas corporais na natureza: uma revisão sistemática. *R. bras. Ci. e Mov* 2010;18(2):84-91.

RESUMO: Como as práticas corporais na natureza estão interligadas ao risco real ou calculado, o seu estudo pode dizer muito sobre os elementos essenciais da pós-modernidade que apontam para um sentimento de aventura, em que algumas situações ocasionam acidentes, lesões e doenças, podendo atingir a fatalidade. O objetivo do estudo é revisar a literatura científica a luz dos riscos ocorridos nas práticas corporais na natureza. Adotou-se como metodologia a revisão sistemática realizada nas bases de dados eletrônicas MEDLINE/PubMed, LILACS, SciELO e Bireme. Como critério de inclusão instituiu-se artigos originais, publicados no período de 2000 a junho de 2009, em periódicos nacionais e internacionais (português e inglês), e pesquisas realizadas com humanos. Foram selecionados 11 artigos, os quais atendiam aos critérios de inclusão estabelecidos. O processo de seleção foi realizado por pares. As análises dos artigos revelaram que os sujeitos da amostra foram predominantemente de jovens e adultos, que apresentaram maior reincidência ao risco nas seguintes práticas: andar a cavalo, mountain bike, atividades aquáticas, caminhadas, atividades em montanhas e esportes na neve. Os gastos com acidentes e lesões podem atingir um alto custo para empresas de gerenciamento, os estabelecimentos possuem regras e normas predeterminadas. As causas dos acidentes e lesões provocadas nestas práticas são ocorridas pela carência de intervenção e promoção educacional quanto às regras e normas de segurança necessárias. Neste sentido, os artigos selecionados permitem buscar novas estratégias que possibilitem transformações nos aspectos de segurança para minimizar os riscos que as práticas corporais na natureza pode oferecer aos usuários.

Palavras-chave: Assunção de risco; Natureza; Lesão.

ABSTRACT: As the body practice in nature are linked to risk real or calculated, the study can say much about the essential elements of modernity that point to feeling of adventure. The study objective review the scientific literature about the risks occurring in practice corporal in nature. Adopted as methodology the systematic review realized in electronic databases MEDLINE/PubMed, LILACS, SciELO and Bireme. The inclusion criteria were original articles, published in period of 2000 until june/2009, published in national and international periodical (Portuguese and English), research realized with human. A total of 11 articles were selected, that attempted the inclusion criteria. The processes of selection were realized by pairs. The predominant age group the body practice in nature in the articles analyzed was young and adults. The activities that presented higher recurrence to risk were: horse riding, mountain biking, water activities, tramping, activities in the mountains and snow sports. The spending with these claims from accidents and injuries can reach a high cost to business management, the establishment have rules and standards predeterminded. The causes of accidents and injuries are occurring in practice by the lack of education promotion and intervention as the rules and safety standards required. The selected articles allow to seek new strategies to enable changes in the aspects of the security to minimize the risk that the body practice in nature can offer users.

Key Words: Risk-taking; Nature; Injury.

Priscilla P. C. da Silva¹
Andréa M. P. Azevedo¹
Emília A. P. C. da Silva¹
Clara M. S. M. de Freitas¹

¹Universidade de Pernambuco

Enviado: 12/10/2009
Aceito: 26/11/2010

Introdução

O risco e as práticas corporais na natureza são atividades interligadas ao lúdico, em que podem ser classificadas em risco calculado ou real^{10,28}. Os recursos tecnológicos surgem para minimizar os riscos e dar mais conforto aos praticantes, no qual nem sempre estão imunes do risco. Estudos revelam que as práticas corporais na natureza podem ser favoráveis ao risco sejam elas mais ou menos arriscadas²⁹.

A partir desta perspectiva, observa-se que a sociedade pós-moderna concentra-se em uma lógica capitalista em que a repressão da vida cotidiana, faz surgir o interesse à busca de novas práticas nas quais possam vivenciar uma hiperrealidade, qual seja uma realidade construída fruto de desejo, atravessando as tentações do pensamento aventureiro, traçado como estratégias fatais ou paraíso arquitetado pelo pensamento^{14,27,32}.

Assim, enfrentar corredeiras, subir uma montanha e lançar-se em parapente, ou descer pedalando em alta velocidade, tendo como fio condutor o esforço e as eventualidades de acidente, encontra-se uma contradição entre a sociedade em geral que busca a contenção do risco, como a instabilidade política e econômica, bem como a prevenção e cuidados de si, e por outro lado a busca por fortes emoções, destacando a ambivalência da sociedade²⁴.

Estudos²⁴ apontam que a paixão pelo risco surge em consequência da desordem moral que afeta as sociedades, tornando o risco um fator inerente para a existência da sociedade, no qual torna objeto de reflexão^{2,21}. Nesta perspectiva, certamente, os riscos são aceitos pela sociedade, em que estão expostas aos critérios morais, no qual o risco é reconhecido. Buscar o risco por meio das práticas corporais na natureza parte do sentimento de nascer de si mesmo por meio do sofrimento retomado pelo controle da própria vida, além de reencontrar plenitude de uma existência ameaçada de uma vida demasiadamente²⁴.

O risco apresenta um aspecto positivo ou negativo, em que pode está associado a outras pessoas ou situações, podendo ser calculado, quando a probabilidade e a amplitude da ação tornar-se reversível³⁵. Assim, o risco

apresenta elemento pluridisciplinar, abrangendo o corpo em risco a partir de várias disciplinas, relacionando os aspectos epistemológicos aos metodológicos²⁵. As análises sobre o risco fundamentando-se na etimologia e nos achados da mídia podem ser classificadas em três categorias: *risco-perigo*, *risco-probabilidade* e *risco aventura*^{36,39}.

O risco-perigo está associado ao senso comum, concentra-se em vivências que comumente são imprevisíveis, para exemplificar apresenta-se a ameaça, a perda e o destino. O risco-probabilidade refere-se ao aspecto de controle e disciplina, para ilustrar esta categoria destaca-se a aposta, a chance, a prevenção. Por sua vez, o risco-aventura, abrange a perspectiva de aventura, em que os aspectos da emoção, o desafio e a ousadia encontram-se presentes nesta categoria^{36,37,39}.

A assunção de risco está relacionada às práticas corporais na natureza mediante a construção de fatores psicossociais do praticante, que vê nestas atividades elementos sedutores, no qual o risco se torna elemento central da atração³⁴, criando um sentimento de identidade do praticante que se envolve com sinceridade²⁴. Estudos revelam^{9,23} que a sensação de risco proporcionada pelas práticas corporais na natureza são fatores que melhoram a auto-estima. Além disso, outros estudos^{18,22} afirmam que as sensações do risco proporcionadas por estas atividades são semelhantes aos dependentes de drogas, que se arriscam com aplicações de substâncias químicas.

A vivência deste risco está pautada a segurança ontológica do indivíduo, cuja experiências emocionais dão sentido a vida²¹. Ao experimentar emoções o praticante se envolve em um alicerce, no qual a segurança do “eu-sujeito”, no sentido positivo, sustenta questões de ordem existenciais¹⁷. Por outro lado, os aspectos emocionais negativos dão a sensação de medo, os quais apontam sinais de alerta, de perigo ou ameaça²⁴. Destarte, as emoções carregam relações com a linguagem, podendo transmitir intensamente mensagens do corpo, manifestando os gestos, por se tratar de sensações^{19,20}.

Assim, o risco nas práticas corporais na natureza se faz presente, no entanto a segurança ontológica está

implícita na consciência do praticante, em que preza pela segurança ao buscar recursos tecnológicos, embora os mais sofisticados recursos de segurança não imune os praticantes de lidarem com riscos²⁹. Não obstante, estudos²⁴ revelam o crescente número de vítimas e feridos socorridos na montanha e no mar o que provoca contestações quanto a estas práticas muitas vezes realizadas sem informações suficientes sobre as condições ambientais, colocando em risco também a vidas dos socorristas além dos outros atores sociais locais.

Visando, portanto, contribuir na discussão do risco real e na fundamentação reflexiva destes aspectos, o objetivo do estudo é revisar a literatura científica à luz dos riscos ocorridos nas práticas corporais na natureza, a partir da investigação das atividades que mais ocasionam acidentes, bem como os locais estudados, os participantes envolvidos e os lesionados.

Materiais e métodos

A metodologia adotada foi à revisão sistemática, baseando-se em estudos primários que permitem avaliar a coerência das relações, identificando as relações entre pesquisas desenvolvidas com semelhanças ou diferentes intervenções, em que possibilita identificar inconsistências e conflitos entre diferentes informações³³. A revisão sistemática permite desenvolver uma organização e seleção de intervenções buscando sistematizar as evidências.

Para a elaboração do estudo, foi realizada a busca nas bases de dados eletrônicas MEDLINE/PubMed, LILACS, SciELO e Bireme, disponíveis no portal da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Foram utilizados os seguintes descritores e palavras-chave nos idiomas português e inglês: “assunção de risco” (9386 artigos), “turismo de aventura” (14 artigos), “viagem de aventura” (44 artigos), “esporte na natureza” (154 artigos), “esporte de aventura” (14 artigos), “lesão e aventura” (32 artigos), “risco e aventura” (54 artigos). Os termos operantes lógicos *and*, *or*, *not* foram utilizados na busca dos artigos para combinar os descritores e palavras-chave. Ainda houve a

necessidade de fazer novas buscas por nomes dos autores dos artigos encontrados por meio dos descritores.

Os critérios de inclusão estabelecidos foram: artigos originais de pesquisa sobre o risco nas práticas corporais na natureza, publicados no período de 2000 a junho de 2009, em periódicos nacionais e internacionais (português e inglês) e pesquisas realizadas com humanos. Os critérios de exclusão adotados foram: artigos de revisão, estudos qualitativos, artigos em outros idiomas (francês e alemão), teses, dissertações e monografias.

Inicialmente, para identificar se os estudos atendiam aos critérios de inclusão, foi realizada uma análise ancorada nos títulos dos artigos selecionados. Em seguida, os resumos, foram analisados, por dois revisores independentes, usando um formulário seguindo os critérios de inclusão e exclusão estabelecidos e os artigos que não houve consenso quanto aos critérios de inclusão, foram analisados por um terceiro revisor.

Após a exclusão dos artigos duplicados por meio do processo de refinamento, foram obtidas 101 publicações, que foram lidas e examinadas criteriosamente, classificando-as e agrupando-as, adotando um protocolo de organização segundo as categorias temáticas, quanto o tipo de estudo e as práticas corporais na natureza que ocorram danos à saúde do praticante. Na etapa seguinte, os artigos foram analisados na íntegra, totalizando 11 artigos que atendiam aos critérios de inclusão estabelecidos.

No processo de seleção, nas análises e na organização dos artigos, procurou-se responder aos seguintes questionamentos: I quais as características dos artigos quanto ao ano, autor e periódico estão sendo publicados? II Quais os locais onde foram desenvolvidas as pesquisas? III Qual o número de sujeitos dos estudos selecionados? IV Qual o número de sujeitos lesionados pelas práticas corporais na natureza? Para responder estas questões, foi construída uma tabela de acordo com as informações relevantes dos estudos, no tocante as variáveis: autor/ano, periódico, metodologia, local de realização da pesquisa, tamanho da amostra, número de lesionados e conclusão.

Cabe ressaltar que diversas terminologias foram utilizadas nos artigos selecionados para determinar as atividades vivenciadas na natureza, tais como: turismo de aventura, esporte de aventura, ecoturismo, viagem de aventura, ecoesporte, atividade física de aventura na natureza (AFAN), esporte na natureza, entre outros. Entretanto, para esta pesquisa, optou-se por empregar o termo práticas corporais na natureza, para sumarizar todos esses termos, contudo, ciente de suas especificidades.

Resultados

Os 11 artigos selecionados possibilitaram a criação de categorias analíticas para identificar os riscos reais, destacando os tipos de lesões e acidentes, variando de

pequenas causas como escorregões, cortes e arranhões; as médias causas como fraturas, luxações, torções, passando até 48h no hospital; as grandes causas como traumatismos, lacerações, sendo necessários ficar mais de 48 horas no hospital, bem como edemas cerebrais, doenças respiratórias, além dos casos fatais^{4,11,26,30,31}.

A tabela 1 descreve os 11 artigos, destacando as características dos estudos quanto aos locais das práticas, o número de lesionados e acidentados em práticas corporais na natureza, além da conclusão foram apresentadas sugestões para minimizar as causas nestas atividades. Os artigos se encontram em ordem cronológica decrescente.

Tabela 1. Características dos artigos selecionados pelas bases de dados eletrônicas

Auto/Ano	Periódico	Metodologia	Local	Amostra	Sujeitos lesionados*	Conclusão
Leshem, <i>et al.</i> , 2008	J Travel Med	Estudo Longitudinal de prevalência	Nepal	581 montanhistas	406 sujeitos	Doenças de altitude são comuns entre escaladores no Everest
Boggild, <i>et al.</i> , 2007	J Travel Med	Estudo transversal	Katmandu/Nepal	15.462 montanhistas	788 sujeitos lesionados/ 611 com doenças de altitude	É necessário intervenções e programas educacionais para evitar lesões
Bentley <i>et al.</i> , 2008	J Travel Med	Estudo descritivo/survey	Nova Zelândia	127 operadores de turismo de aventura**	459 sujeitos	As indústrias devem alertar as questões de segurança
McIntosh <i>et al.</i> , 2007	Wilderness Environ Med	Estudo descritivo	National Outdoor Leadership School (NOLS)***	Ausência de dados****	996 sujeitos	O risco não pode ser completamente eliminado, as expedições atenuam pelas prevenções e gerenciamento
Bentley <i>et al.</i> , 2007	Applied Ergonomics	Estudo descritivo	Nova Zelândia	Ausência de dados****	15.648 sujeitos	Aperfeiçoar as práticas e normas de segurança
McLaughlin <i>et al.</i> , 2006	Wilderness Environ Med	Estudo descritivo	Lake Tahoe / California	Ausência de dados****	406 reivindicações	Disponibilizar informações para melhor assistência
Bentley <i>et al.</i> , 2006	N Z Med J	Análise epidemiológica	Nova Zelândia	Ausência de dados****	18.697 sujeitos	Investigar códigos de boas práticas de aventura, envolvendo educação e segurança
Bentley <i>et al.</i> , 2004	J Travel Med	Estudo descritivo/survey	Nova Zelândia	96 operadores de turismo de aventura**	1.095 sujeitos	Há carência na comunicação acerca de normas de segurança
Bentley <i>et al.</i> , 2001	Applied Ergonomics	Estudo descritivo/survey	Nova Zelândia	Casos sem hospitais públicos**	1109 sujeitos	Intervenções para reduzir o número de lesões

Bentley <i>et al.</i> , 2000	J Travel Med	Estudo descritivo/survey	Nova Zelândia	142 operadores de turismo de aventura**	379 sujeitos	Analisar códigos de boas práticas
Cooke <i>et al.</i> , 2000	J Travel Med	Estudo descritivo	Islândia e Groelândia	85 montanhistas	44 sujeitos	Precisa-se de métodos de prevenção para evitar acidentes

* Lesões, doenças e acidentes; ** Os dados fornecidos foram a partir de operadoras/hospitais. Não foi informado o total de sujeitos participantes.

*** National Outdoor Leadership School (NOLS): é uma organização que realize treinamento e habilidades abrangendo vários países e suas áreas ambientais; **** Não informaram os dados relativos ao número de sujeitos participantes da pesquisa.

Em relação aos grupos etários o que predominou foram os jovens e adultos de ambos os gêneros^{3,5,6,16,26,30,31}. As práticas corporais em que houve mais lesões e acidentes foram: andar a cavalo, mountain bike, atividades aquáticas, caminhadas, atividades em montanhas e esportes na neve^{3,5,7,8}.

Estudos expõem que os gastos despendidos com as reivindicações de acidentes e lesões podem atingir um alto custo para as empresas de gerenciamento, por se tratar de danos a saúde dos praticantes^{3,5}. As despesas são estabelecidas a partir do tipo de lesão ou acidente e estão associados às práticas de risco real e de risco calculado.

Um artigo publicou que o período que mais ocorreu acidentes de esporte e recreação quando comparado aos acidentes em estradas e em casa foi durante o mês de agosto, na temporada dos esportes de inverno. Dois artigos apontam a relação dos períodos com as práticas corporais que apresentam maior proporção de acidentes, como por exemplo, há um aumento significativo de acidentes no surfê no mês de janeiro, visto que essa época é período de verão na Nova Zelândia^{3,5}.

Todos os estudos analisados revelaram que os principais fatores das causas de lesões, acidentes e doenças provocadas pelas práticas corporais na natureza são provenientes da insuficiência e omissão das informações e dos métodos e normas de segurança, bem como a escassez de intervenções visando a promoção educacional.

Dos artigos analisados seis estavam direcionados as práticas corporais na natureza desenvolvidos na Nova Zelândia. Não foram encontrados estudos no Brasil que estivessem presentes os critérios de inclusão.

Discussão

Os riscos nas práticas corporais na natureza estão presentes desde as atividades que aparentemente estão imunes de causas de acidentes, até as práticas que apresentam elevados índices. A concentração dos estudos recai em pesquisas desenvolvidas na Nova Zelândia, pelo fato do país ser um dos mais ricos em belezas naturais¹⁵.

Os artigos objeto desta revisão indicam o crescimento das pesquisas à luz desta temática, podendo ser consequência do elevado número de interessados por estas práticas, e as facilidades oferecidas pela indústria tecnológica, as quais oferecem segurança e permitem melhor manuseio dos equipamentos^{15,29}. Por outro lado, observa-se o crescimento dos acidentes e lesões que estas atividades provocam aos praticantes. A este respeito, é pertinente apresentar estudos²⁴ que trazem um olhar quantitativo do crescimento destas práticas, como o aumento dos enduros na Europa, na década de 1980, ressaltando que no período de 1995 até 2009, estima-se que 500 enduros foram realizados na busca de aventura em competições por equipes.

É importante destacar que os estudos desenvolvidos do ano 2000 até os mais atuais sugerem medidas de normas de segurança, no entanto o número de acidentes e lesões ainda é assustador, o que necessita um olhar mais aguçado nos programas educativos voltados a segurança. Por outro lado, as empresas de turismo devem investir nesta área para minimizar o índice de acidentes e lesões provocadas pelas práticas corporais na natureza, bem como cientes dos riscos que cada prática oferece, podendo comprometer os negócios da empresa¹⁵.

Quanto a este aspecto, pesquisas¹ à luz da responsabilidade das agências de viagem se apoiando no Código de Defesa do Consumidor (CDC) destacam a necessidade de oferecer subsídios adequados e suficientes

sobre os riscos inerentes as práticas, além de outras informações relevantes apoiados no CDC na hora da comercialização dos pacotes turísticos. Nesta perspectiva, as empresas de turismo assumem a responsabilidade de apresentar aos clientes as informações necessárias no que diz respeito às práticas disponibilizadas pela empresa, fornecendo de modo esclarecedor, aos clientes, dados de cada modalidade, de forma a evitar possível conflito judicial¹.

Estudos apontam que as empresas de turismo devem investigar a regulamentação governamental, no qual necessitam estabelecer políticas para gerenciar os procedimentos adequados na ocasião do risco, desenvolvendo códigos e métodos adequados para melhorar as práticas corporais na natureza^{3,7}. As empresas que comportam o turismo de aventura devem estar informadas e cientes dos riscos das práticas, alertando aos sujeitos interessados^{15,38}.

A responsabilidade e divisão dos custos dos acidentes dependem da organização do país e das regulamentações da empresa prestadora do serviço. No Brasil, pesquisas apontam a existência de procedimentos de fiscalização pela Embratur (Instituto Brasileiro de Turismo), e abrangem empresas de seguro que cobrem as despesas ocasionadas por danos a saúde por meio dos riscos das práticas corporais na natureza³⁸.

O artigo revela por meio de um estudo de caso, que a responsabilidade é partilhada pelo sujeito, a empresa de turismo e a Embratur, onde cabe ao sujeito assumir a responsabilidade da causa, a empresa de turismo deve garantir a segurança dos praticantes, a empresa de seguros deve se comprometer em efetuar os cálculos e garantir a indenização, e a Embratur opera como órgão regulamentador destas organizações³⁸.

Nesta perspectiva, foi ressaltado que o crescimento das práticas corporais na natureza possibilita oferecer oportunidades e experiências aos cidadãos, contudo ainda é necessária uma mudança de comportamento e atitude nos aspectos relacionados às atividades educativas, além das intervenções no tocante a segurança, tanto para usuários quanto para as próprias empresas que oferecem as mais diversas práticas, objetivando minimizar os riscos

e as reivindicações advindas da execução destas atividades.

Conclusões

A hiperrealidade encontrada na pós-modernidade recai na ilusão que se opõe à realidade, que se inverte o real pelo simulacro no modo do seu *ser no mundo*. Vive-se em um risco ambíguo e ao mesmo tempo paradoxal, em que os mesmos atores que buscam cuidados em si, lançam-se no meio do desconhecido, nas práticas corporais na natureza na busca de fortes emoções. Estas atividades tem como fio condutor a próxima aventura, que consiste na busca de novos caminhos tecendo estratégias do pensamento.

Os achados do presente artigo dirigem aos aspectos acerca dos riscos que as práticas corporais na natureza podem oferecer quando não são tomadas medidas necessárias para a execução, servindo de alerta para aprimorar as técnicas e programas de intervenção, conduzindo para diminuir os vieses imprudentes existentes. Relacionar o risco nestas práticas a uma revisão sistemática permite buscar novas concepções que possam contribuir para transformações neste quadro que apresentam um grande número de acidentes e lesões.

Diante deste cenário, a perspectiva de redução de danos é uma alerta concomitante um desafio para as empresas inovarem ações individuais e sociais que se façam presentes nas intervenções socioeducativas, explanando a importância de cuidados básicos, nos quais podem prevenir graves acidentes e lesões, contornando a carência de elaboração de programas de intervenção. Nesta situação, cabe as empresas de turismo informar os procedimentos de segurança das práticas corporais na natureza. Além disso, as empresas devem explicar como o praticante deve proceder caso ocorra alguma situação danosa, apresentando os caminhos de como recorrer ao ressarcimento dos direitos quando lesados.

Observa-se que os estudos selecionados foram todos internacionais, o que torna necessário o desenvolvimento de pesquisas realizadas no Brasil, visto como um país de dimensão territorial privilegiada por atrativos naturais e com potencial de empresas de turismo

de aventura. Desse modo, a realização de novos estudos possibilitaria a disseminação e prevenção de acidentes nas práticas corporais na natureza.

Referências

- Atheniense LR. **A responsabilidade jurídica das agências de viagem.** Belo Horizonte: Del Rey, 2004.
- Beck U. Autodissolução e auto-risco da sociedade industrial: o que isso significa? In: Beck U, Giddens A, Lash S. **Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna.** São Paulo: Editora Unesp, 1997, p. 207-218.
- Bentley TA, Macky K, Edwards J. Injuries to New Zealanders participating in adventure tourism and adventure sports: an analysis of accident compensation corporation (ACC) claims. **The New Zealand Medical Journal** 2006;1119:1247.
- Bentley TA, Page S, Edwards J. Monitoring injury in the New Zealand adventure tourism sector: an operator survey. **J. Travel Med** 2008;15(6):395-403.
- Bentley TA, Page S, Macky KA. Adventure tourism and adventure sport injury: the New Zealand experience. **Applied Ergonomics** 2007;38(6):791-796.
- Bentley TA, Page S, Meyer D, Chalmers D, Laird I. How safe is adventure tourism in New Zealand? An exploratory analysis. **Applied Ergonomics** 2001;32(4):239-245.
- Bentley TA, Page SJ, Laird IS. Safety in New Zealand's adventure tourism industry: the client accident experience of adventure tourism operators. **J Travel Med** 2000;7(5):239-245.
- Bentley TA, Page S, Walker L. The safety experience of New Zealand adventure tourism operators. **J. Travel Med** 2004;11(5):280-286.
- Bernardo RPS, Matos MG. Desporto aventura e auto-estima nos adolescentes, em meio escolar. **Revista Portuguesa de Ciência do Desporto** 2003;3(1):33-46.
- Betrán JO, Betrán AO. Proposta pedagógica para as Atividades Físicas de Aventura na Natureza (Afan) na educação física do ensino médio. In: Marinho A, Bruhns HT. **Viagens, Lazer e Esporte: o espaço da natureza.** Barueri, Manole, 2006, p. 180-210.
- Boggild AK, Costiniuk C, Kain KC, Pandey P. Environmental hazards in Nepal: altitude illness, environmental exposure, injuries, and bites in travelers and expatriates. **J. Travel Med** 2007;14(6):361-368.
- Bourdieu P. **O poder simbólico.** Lisboa: DIFEL, 1994.
- Bruhns H. **A busca pela natureza: turismo e aventura.** Barueri: Manole, 2009.
- Cater IC. Playing with risk? Participation s of risk and management implications in adventure tourism. **Tourism Management** 2006;27:317-325.
- Cooke FJ, Sabin C, Zuckerman JN. A study of the incidence of accidents occurring during an Arctic Expedition: another important aspect of travel medicine? **J. Travel Med** 2000;7(4):205-207.
- Elias N, Dunning E. **A busca da excitação.** Lisboa: DIFEL, 1992.
- Franques P, Auriacombe M, Piquemal E, Verger M, Brisseau-Gimenez S, Grabot D, Tignol J. Sensation seeking as a common factor in opioid dependent subjects and high risk sport practicing subjects. A cross sectional study. **Drug and Alcohol Dependence** 2003;69:121-126.
- Freitas CMSM. **Da emoção à contradição no esporte: uma reengenharia da modernidade.** Recife: EDUPE, 2005.
- Freitas MCR, Tolocka RE. Desvendando as emoções da Dança Esportiva em Cadeira de Rodas. **R. bras. Ci e Mov** 2005;13;4:41-46.
- Giddens A. **As conseqüências da modernidade.** São Paulo: Editora Unesp, 1991.
- Gimeno JMR, Fra EP, Montesinos JLG, Millán IG. La prevención de drogodependencias mediante actividades cooperativas de riesgo y aventura. **Apunts: Educación Física y Deportes** 2000;59:46-54.
- Lavoura TN. **Estados Emocionais: a investigação do medo no contexto esportivo.** Dissertação de Mestrado. Rio Claro: Unesp, 2007.
- Lavoura TN, Melo CCC, Machado AA. Estados Emocionais na Prática Esportiva: Relações Entre Medo e Vergonha no Contexto Esportivo. **R bras Ci e Mov** 2007; 15(3):79-87.
- Le Breton D. **Condutas de risco: dos jogos de morte ao jogo de viver.** Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Campinas: Autores Associados, 2009.
- Le Breton D. **A Sociologia do Corpo.** 2ª ed., Petrópolis: Vozes, 2007.
- Leshem E, Pandey P, Shlim D, Hiramatsu K, Sidi Y, Schwartz E. Clinical Features of Patients with severe altitude illness in Nepal. **Journal of Travel Medicine** 2008;15(5):315-322.
- Lipovetsky G. **A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo.** (Maria Lúcia Machado, Trad.). São Paulo: Companhia Das Letras, 2007.
- Marinho A. Lazer, aventura e ficção: possibilidades para refletir sobre atividades realizadas na natureza. **Motriz** 2009;15(1):1-12.
- Marinho A. Lazer, Aventura e Risco: reflexões sobre atividades realizadas na natureza. **Movimento** 2008;14(2):181-206.
- Mcintosh SE, Leemon D, Visitacion J, Schimelpfwnig T, Fosnocht D. Medical Incidents and

Evacuations on Wilderness Expeditions. **Wilderness and Environmental Medicine** 2007;18(4):298-304.

31. McLaughlin KA, Townes DA, Wedmore IS, Billingsley RT, Listrom CD, Iverson LD. Pattern of Injury and Illness During Expedition-Length Adventure Races. **Official Journal of the Wilderness Medical Society** 2006;17(3):158-161.

32. Mendes C. Baudrillard e a Pós-Modernidade. **Revista de Ciências Sociais** 2007;50(1):5-9.

33. Mulrow CD. **Systematic reviews: rationale for systematic reviews**. *BMJ* 1994;309:597-599.

34. Ryan C. Risk Acceptance in Adventure Tourism – Paradox and Context. In: Willks J, Page SJ. **Managing tourism health and safety in the new millennium** Oxford, UK: Pergamon, 2003, p. 55-67.

35. Spink MJP. Trópicos do discurso sobre risco: risco-aventura como metáfora na modernidade tardia. **Caderno Saúde Pública** 2001;17(6):1277-1289.

36. Spink MJP. Posicionando pessoas como aventureiros potenciais: imagens de risco-aventura em matérias de revista. **Psicologia & Sociedade** 2008;20:50-60.

37. Spink MJP, Aragaki SS, Alves MP. Da exacerbação dos sentidos no encontro com a natureza: contrastando esportes radicais e turismo de aventura. **Psicologia: Reflexão e Crítica** 2005;18;26-38.

38. Spink MJP, Galindo D, Cañs A, Souza DT. Onde está o risco? Os seguros no contexto do turismo de aventura. **Psicologia & Sociedade** 2004;16(2):81-89.

39. Spink MJP, Pereira AB, Burin LB, Silvia MA, Diodado PR. Usos do glossário do risco em revistas: contrastando "tempo" e "públicos". **Psicologia: Reflexão e Crítica** 2008;21(1):1-10.